

## A Ilha da Fada

A música – diz Marmontel, naqueles "Contes Moraux" que em todas as nossas traduções insistimos em chamar de "Contos Moralistas", como se estivéssemos zombando de sua essência – A música é o único dos talentos do qual se pode desfrutar sozinho, todos os outros demandam testemunhas.

Aqui ele confunde o prazer trazido pelos sons agradáveis com a capacidade de criá-los. A música é, não mais que qualquer talento, suscetível a um prazer pleno, que não demanda outro indivíduo para apreciar sua execução. A única coisa que a música tem em comum com outros talentos é que ela produz sensações das quais se pode desfrutar por completo na solidão. A ideia que o contista não conseguiu expressar com clareza ou que sacrificou em razão de sua total confiança na ideia é, sem dúvidas, o válido argumento de que a ordem mais erudita da música é melhor apreciada em sua plenitude quando estamos completamente sozinhos. A premissa, da forma como foi escrita, será aceita de forma imediata por aqueles que amam a lira por si mesma e por seus usos religiosos. No entanto, existe ainda um prazer ao alcance dos meros mortais, e talvez somente um, que serve mais que a música ao sentimento acessório do isolamento. Refiro-me à felicidade experimentada ao admirar paisagens da natureza. Na verdade, o homem que quiser contemplar da forma correta a glória de Deus sobre a Terra deve, sozinho, contemplá-la. Para mim, pelo menos, a presença, não somente da vida humana, mas da vida em qualquer outra forma que não a dos seres verdes e silenciosos que crescem sobre o solo – é uma mancha na paisagem – está em guerra com a genialidade do cenário. Eu amo, de verdade, vislumbrar os vales escuros, as rochas cinzentas, as águas que sorriem silenciosamente, as florestas que suspiram em um sono inquieto e as montanhas imponentes e vigilantes que observam a todos – amo observá-los por si mesmos, mas estes são também membros colossais de um todo vivo e sensível – um todo cuja forma (esférica) é a mais perfeita e inclusiva de todas; cuja trajetória está entre planetas vizinhos; que tem como doce serva a Lua e soberano o Sol; cuja vida é eterna, e que o pensamento é de um Deus; cujo deleite é o conhecimento; e que tem os destinos perdidos na imensidão, cuja consciência de nós mesmos é semelhante ao nosso próprio conhecimento das bactérias que infestam o cérebro – um ser que nós, conseqüentemente, consideramos nada mais que inanimados e materiais, do mesmo modo que esses animálculos devem nos classificar.

Os nossos telescópios e as nossas investigações matemáticas nos fornecem todas as respostas – mesmo apesar da hipocrisia dos mais ignorantes sacerdotes – sobre o espaço, e, conseqüentemente, de grande parte das perguntas, o que é uma consideração importante aos olhos do Todo-Poderoso. Os ciclos nos quais as estrelas viajam são os melhores adaptados para a evolução do maior número possível de corpos celestes, sem que houvesse colisões entre eles. As

formas desses corpos são feitas, dada a superfície, para agrupar a maior quantidade possível de matéria; enquanto as próprias superfícies são dispostas deste modo para acomodar uma população maior do que poderia ser acomodada na mesma superfície organizada de outra forma. Tampouco é um argumento contra o fato de o corpo ser um objeto de Deus, e de o próprio espaço ser infinito; pois pode haver uma infinidade de matéria para preenchê-lo. E como vemos claramente que a doação de matéria vital é um princípio, – de fato, até onde nossos julgamentos se estendem, o preceito essencial das ações divinas, – é pouco lógico imaginá-lo confinado à irrelevância de um minuto, como fazemos diariamente, e não estendê-lo a coisas maiores. À medida que encontramos ciclos dentro de ciclos sem fim, – ainda que todos girem em torno de um centro distante, que é a consciência divina, não podemos supor, da mesma maneira, vidas dentro de vidas, o menor dentro do maior, e tudo dentro do Espírito Divino? Em resumo, estamos cometendo um grave erro, cegos pela autoestima, ao acreditar que o homem, tanto em seus destinos mundanos ou futuros, seja mais importante no universo que aqueles vastos "torrões do vale" que ele cultiva e despreza, e para os quais nega uma alma por uma razão não mais profunda que a qual o motiva a não vê-la crescer.

Questionamentos como esse sempre deram às minhas reflexões por entre as montanhas e as florestas, nas beiras dos rios e oceanos, um tom de algo que o cotidiano não deixaria de denominar fantástico. Minhas jornadas nesses cenários foram muitas, intrigantes, e não raro solitárias, e o interesse com o qual percorri tantos vales profundos e nebulosos, ou admirei o reflexo do Paraíso em muitos lagos cristalinos, foi um interesse bastante aprofundado pelo pensamento de que percorri e admirei só. Quem foi o francês que teve a audácia de dizer, em referência ao trabalho renomado de Zimmerman, que, "a solidão é algo belo, mas você precisa de alguém para lhe dizer que a solidão é algo belo?" Essa ironia não pode ser contrariada; mas a necessidade é algo que não existe.

Foi durante uma de minhas jornadas solitárias, por uma região distante repleta de montanhas, rios tristes e lagos que se contorciam ou repousavam em meio a tudo aquilo, que eu encontrei um riacho e uma ilha. Encontrei-os de súbito em um junho outonal, e me deitei sobre a relva, entre galhos de um arbusto de cheiro desconhecido, para que pudesse repousar enquanto admirava a cena. Assim, senti que deveria somente admirá-los – tão profunda a aura fantasmagórica que pairava sobre ambos.

Por todos os lados – salvo no oeste, onde o sol estava prestes a se pôr – erguiam-se as colunas verdejantes da floresta. O riacho que fazia uma curva fechada em seu curso, e logo após era perdido de vista, parecia não ter saída de sua prisão, mas era absorvido pela folhagem verde-escura das árvores do leste, enquanto no quadrante oposto (assim me parecia, pelo tempo que estava deitado, olhando para acima) fluía silenciosa e continuamente em direção ao vale, uma farta cachoeira, dourada e púrpura, das fontes do crepúsculo celeste.

No meio do caminho da curta mirada que minha visão fantasiosa recebeu, uma pequena ilha circular com muito verde repousava no coração do riacho.

O limite entre a margem e a sombra era tão tênue que ambos pareciam flutuar – a água límpida era tão semelhante a um espelho que era quase impossível dizer onde começava o domínio cristalino em meio à encosta de relva verde-esmeralda.

Minha posição permitia que eu enquadrasse em apenas um olhar as extremidades leste e oeste da pequena ilha; e eu notei uma diferença nítida e singular em seus aspectos. A parte oeste era, por completo, um harém radiante de belezas de jardim. Brilhava e ruborizava sob os olhos da luz oblíqua do sol, e ria formosa com as flores. A grama era curta, viva, perfumada, e entremeada por lírios. As árvores eram esguias, joviais, eretas – brilhantes, finas, e graciosas, – de aspecto e folhagem orientais, e de um tronco regular, lustroso, e de cor uniforme. Parecia haver um sentimento profundo de vida e alegria sobre tudo; e apesar de nenhum ar soprar dos céus, tudo parecia estar se movendo por todo lado, entre as inúmeras borboletas, que poderiam ser confundidas com tulipas aladas.

A outra parte da ilha, a leste, estava coberta na mais obscura sombra. Uma sombra que, mesmo bela e de uma escuridão pacífica, penetrava todas as coisas. As árvores eram de cor escura, forma e postura fúnebres, curvando-se em formatos tristes, solenes e espectrais que expressavam ideias de tristeza mortal e mortes prematuras. A grama vestia o tom profundo do cipreste, e as pontas de suas folhas voltavam-se para o chão, e espalhados por entre as folhas havia várias elevações irregulares, baixas e estreitas, não muito longas, que tinham o aspecto de covas, mas não eram, apesar de sobre todas crescer arruda e alecrim. A sombra das árvores caía pesadamente sobre a água, e parecia se enterrar nela, impregnando as profundezas do elemento com a escuridão. Imaginei que cada sombra, à medida que o sol descia mais e mais, separava-se soturna do tronco que a criou, e assim era absorvida pela corrente; enquanto outras sombras saíam rapidamente das árvores, tomando o lugar de suas antecessoras já enterradas.

Essa ideia, tendo conquistado minha reflexão, animou-a consideravelmente, e, em seguida, eu me perdi em sonhos.

Se essa ilha fosse encantada, – pensei – é isso.

Esse é o assombro das poucas fadas gentis que sobreviveram à ruína da espécie.

Seriam delas esses túmulos verdes? – ou elas entregam suas vidas como fazem os humanos? Ao morrer, elas preferem não sucumbir, entregando a Deus, de pouco em pouco, sua existência, como essas árvores se rendem de sombra em sombra, exaurindo sua substância até que se dilua? O que a árvore fatigante é para a água que absorve sua sombra, ficando assim mais escura pelo que lhe é roubado, não pode ser a vida da Fada para a morte que a enterra?.

Enquanto eu refletia sobre essa teoria, com olhos semicerrados, enquanto o sol se resguardava rapidamente, e correntes revoltas percorriam o diâmetro da ilha, levando consigo lascas brancas do tronco de figueiras que, em suas diferentes posições sobre a água, que um devaneio poderia formar qualquer figura que quisesse, enquanto eu refletia, me parecia que a forma de uma daquelas Fadas sobre as quais eu vinha ponderando flutuava para a escuridão longe da luz na extremidade ocidental da ilha. Ela estava de pé em uma canoa muito frágil e a movia com o mero fantasma de um remo. Enquanto sob a influência de raios de sol duradouros, sua postura transparecia alegria – mas a tristeza corrompeu-a assim que passou pela sombra. Ela deslizou lentamente, e por fim contornou a ilha, retornando à região da luz.

A revolução, que acabou de ser feita pela Fada, – continuei, refletindo, – é o ciclo do breve ano de sua vida. Ela flutuou por seu inverno e seu verão. Ela está um ano mais próxima da

Morte; pois eu não falhei em perceber que, à medida que ela adentrava a sombra, seu vulto lhe abandonava, e era engolido pelas águas escuras, fazendo da sua escuridão ainda mais negra.

Mais uma vez, embarcação e Fada apareceram, mas sobre a postura da última, transmitia mais atenção e incerteza e menos uma alegria frágil. Ela flutuou novamente para fora da luz, em direção às trevas (que aumentaram por um momento) e outra vez sua sombra deixou-a e afundou nas águas tom de ébano, e foi absorvida naquela escuridão. E ela faria o circuito da ilha várias e várias vezes, (enquanto o sol se apressava para dormir) e a cada viagem pela luz havia mais pesar sobre sua figura, e enquanto ela ficava mais doentia, fraca e indistinta, e a cada passagem pelas trevas, caía dela um tom mais escuro, que se transformava em uma sombra mais negra. Mas por fim, quando o sol já havia partido, a Fada, que agora era o mero fantasma de sua antiga imagem, seguiu desconsolada com seu barco pela região da enchente ébano, e depois disso, nada mais sei, pois a escuridão caiu sobre todas as coisas, e eu não mais vi a figura encantada.